

# Introdução

**Embora a casa dos animais seja na floresta, uma onça decide seguir o curso para a cidade, a fim de reaver os direitos do bichos da selva. Essa viagem será uma caminhada pelos imprevistos, obstáculos e descobertas que a grande felina fará ao adentrar em um ambiente novo.**

**Obra registrada na Biblioteca Nacional**

## A Onça Vai à Cidade

Cansada da destruição que assolava sua morada, a onça resolveu mudar-se para a cidade, pois já não aguentava mais a vida que levava em meio a inúmeras árvores caídas, derrubadas por ganância humana pelas máquinas que haviam invadido a floresta.



Jaguaririca, a melhor amiga da onça deu-lhe um conselho:

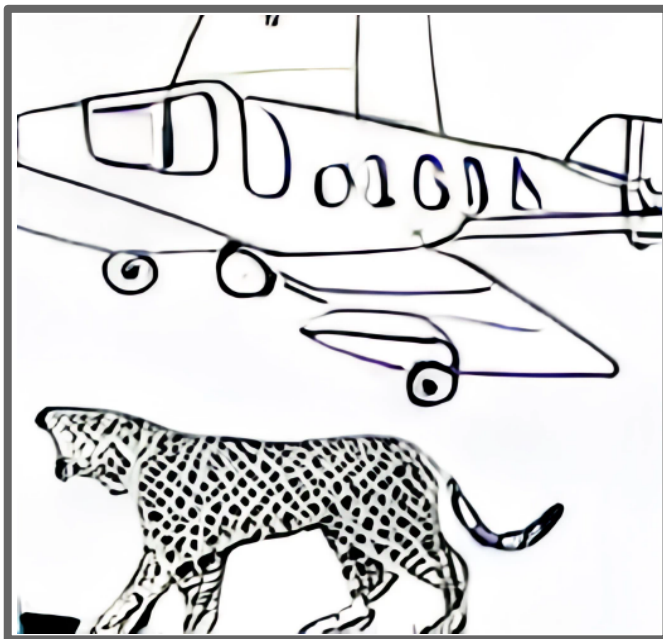
“Amiga, se você for para a cidade acabará numa jaula, pois a selva de pedra não é lugar para animal selvagem. Além do mais, ouvi dizer que existem criaturas com o casco de ferro, capazes de se mover sobre rodas em chão de rocha”.



Todavia, a onça batia a pata enquanto fazia a réplica:

“Não temo pássaro de ferro, tão pouco minhoca de metal. Se eu não for para a cidade, quem lutará pela floresta? Acaso devo ficar de patas cruzadas enquanto derrubam minha casa? Jamais!”

A onça sacudiu a cauda, levantou-se do mato e seguiu sua jornada.



A onça entrou na cidade como uma sombra de ninja, sem ser percebida pelo olhar do homem.

Estressada pelo barulho das tartarugas de metal que buzonavam nos ouvidos, esta se escondeu na escuridão de um túnel. Mas, embora estivesse em silêncio, a pantera entrou em desespero diante do apito estridente de uma gigantesca cobra de metal, que iluminou a escuridão do túnel com seu forte farol.



A onça fugia para não ser atropelada. Aos rugidos de socorro ela pedia:

“Não me devore minhoca de metal. Estou na cidade em defesa dos animais que estão sem moradia na selva por culpa da ambição humana”.

A felina pensou que ia ser debulhada pela cobra de aço feito milho, mas por um instante ela se salvou pulando para fora do trilho.



Contudo, sua presença na estação despertou olhares de pânico após um forte rugido. A pantera tentava conversar com os habitantes da cidade. Não era todos os dias que se via um grande felino como aquele perdido numa metrópole. De imediato um juiz mandou prender a pantera, a qual foi para a jaula.



No tribunal dos bichos a onça esperava em silêncio pelo julgamento. O juiz estava em dúvida se deveria mandá-la para o circo ou se deveria enviá-la ao zoológico. Em todo o caso, foi decidido ao bater do martelo que a onça fosse levada para o circo.



A onça chorava com lágrimas de encher balde enquanto lamentava:

“Nasci para viver livre no mato, todavia, além de terem destruído meu habitat, os homens da selva de pedra querem roubar minha liberdade. Mundo injusto, mundo cruel! Para onde os animais irão sem as árvores da selva?”



No circo a onça foi obrigada a saltar pelos anéis de fogo durante as apresentações da noite. E sob as ordens de um domador carrasco, a felina foi obrigada a fazer de tudo, pois caso não fizesse, o malvado ameaçava bater nela com seu chicote.

